



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6203 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

## POSSIBILIDADES DE PENSAR A DOCÊNCIA A PARTIR DA NOÇÃO DE CUIDADO DE SI

Deise Claudiane Mass Gessinger - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Sabrina Lermen - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### POSSIBILIDADES DE PENSAR A DOCÊNCIA A PARTIR DA NOÇÃO DE CUIDADO DE SI

Michel Foucault (1926-1984), em seus estudos sobre a constituição do sujeito a partir de jogos de verdade e de poder, chega ao que chama de cuidado de si. O cuidado de si tomado como uma ética da existência, se constitui a partir de práticas e técnicas de si que produzem modos de subjetivação. Em suas análises arqueogenalógicas, discorreu sobre diferentes movimentos do cuidado de si ao longo da história.

O primeiro momento do cuidado de si aparece na Antiguidade, na sociedade socrático-platônica, onde a preocupação girava em torno de uma preparação para o futuro, para a condução da *polis*. Assim, “para se conduzir bem [...] era necessário cuidar de si mesmo, cuidar de si” (FOUCAULT, 2017, p.262). O cuidado de si é visto em relação com o cuidado dos outros, afinal, quem conduzia bem a si mesmo seria capaz de conduzir bem a *polis*. Contudo, destaca-se que o cuidado de si antecede o cuidado com os outros, pois “a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 2017, p.265).

O segundo momento do cuidado de si se dá com os estoicos, os cínicos e os epicuristas. Para eles, a estética da existência se justifica pelo seu fim. A morte entendida não como simplesmente o fim da vida, mas seu ápice. Isso porque o cuidado de si aparece como o cuidado com a vida, a criação de uma existência bela e de uma reputação, sendo essa a única preocupação do que ficará após a morte. Assim,

o cuidado de si poderá então estar inteiramente centrado em si mesmo, naquilo que se faz, no lugar que se ocupa entre os outros; ele poderá estar totalmente centrado na aceitação da morte [...] Ele poderá ser, ao mesmo tempo, senão um cuidado dos outros, pelo menos um cuidado de si benéfico para os outros. (FOUCAULT, 2017, p.267)

O terceiro momento do cuidado de si constitui-se por um deslocamento dos momentos anteriores. A partir do cristianismo, mas não somente, “nesse novo contexto, o cuidado de si assumirá inicialmente a forma da renúncia de si mesmo” (FOUCAULT, 2017, p. 266). Nessa renúncia, o cuidado de si é visto como egoísmo, sendo operado totalmente pelo outro, com vistas à salvação após a morte. Também a partir da racionalidade cartesiana, em que o acesso à verdade não passa necessariamente pela transformação da existência do sujeito.

Nas suas diferentes concepções ao longo da história, o cuidado de si aparece sempre atravessado pelo outro: o mestre, aquele ajuda na condução desse cuidado. O mestre convida o outro a cuidar de si e conduz o outro a partir de seu próprio cuidado de si. Nesse atravessamento do mestre no cuidado de si do outro, aproximamo-nos do nosso objeto de pesquisa: a docência. Operamos assim com o instrumental do cuidado de si para pensar a docência, a partir da noção de que o professor deve cuidar de si mesmo para poder conduzir o cuidado de si, do outro, o aluno.

O objetivo deste trabalho é revisitar o conceito foucaultiano de cuidado de si para pensar a docência, analisando como este conceito é trabalhado nos GTs de Filosofia da Educação da ANPED Nacional e da ANPED Sul, de 2000 a 2020. Para tanto, realizou-se uma busca nos anais destes eventos de todos os trabalhos completos publicados nestes GTs em todas as edições em que estes trabalhos se encontram disponíveis virtualmente (23ª à 38ª Reunião Anual e 8ª à 12ª Reunião Regional – Sul). O critério de seleção dos artigos foi conter no título o conceito de cuidado de si. Assim, foi selecionado um total de 7 trabalhos publicações completas para análise, que discutiremos neste trabalho.

As publicações em questão são:

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Edição/Ano</b>
O 'CUIDADO DE SI' COMO ARTICULADOR DE UMA NOVA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: UMA AGENDA DE PESQUISA FOUCAULTIANA	<i>Alexandre Simão de Freitas – UFPE</i>	XXXII Anped 2009
A REATIVAÇÃO DA NOÇÃO DE CUIDADO DE SI E A IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA: UMA RECEPÇÃO TARDIA DE FOUCAULT?	<i>Nyrluce Marília Alves da Silva – UFPE</i>	XXXV Anped 2012
O CUIDADO DE SI E A ALTERIDADE: SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA FORMAÇÃO ÉTICO-ESTÉTICA	<i>Adriana Maria da Silva – UFF</i>	XXXVII Anped 2015

O CUIDADO DE SI E O CORPO EM MICHEL FOUCAULT: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO CORPORAL NÃO INSTRUMENTALIZADORA	<i>Betania Vicensi Bolsoni - UPF</i>	IX Anped Sul 2012
A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E SEUS REFLEXOS NO MERCADO DE TRABALHO: APONTAMENTOS SOBRE O CUIDADO DE SI, DE FOUCAULT	<i>Francieli Frank – UPF</i>	IX Anped Sul 2012
O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA NO PRESENTE: POSSIBILIDADES VIA AS DISSOLUÇÕES GENEALÓGICAS	<i>Betina Schuler – UNISINOS</i>	X Anped Sul 2014
DA INSUFICIÊNCIA DO MESTRE DA MEMÓRIA À MESTRIA DO CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT: PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO HUMANA	<i>Miguel da Silva Rossetto - UPF</i>	XI Anped Sul 2016

Assim como este, o trabalho de Silva (2012) também se propõe a realizar uma revisão de literatura dos trabalhos publicados no GT de Filosofia da Educação da Anped Nacional. Difere-se, no entanto, no objeto de cruzar os dados das publicações encontrados no GT com os disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, discutindo o Cuidado de Si operado a partir de quatro autores: Hermann, Gallo, Dalbosco e Pagni. Aqui, além de acrescentarmos os trabalhos publicados na Anped Sul, pretendemos analisar quais deslocamentos se operaram sobre o conceito no GT ao longo dos últimos 8 anos, atentando principalmente nas contribuições para pensar a docência, conforme procederemos a seguir.

A temática que atravessa a maioria dos trabalhos de distintas maneiras versa sobre as potencialidades do conceito de *cuidado de si para problematizar a formação humana*. Silva (2012, p.1), ao discutir a reativação do cuidado de si, fala da importância do cuidado de si para “retomar os ideais clássicos da formação humana, fora de uma concepção de natureza humana fixa e essencialista”. Para ela, o cuidado de si socrático possibilitaria reconhecer os limites daquilo que somos para então podermos nos transformar. Já Rosseto (2016) retoma o modo como, em Foucault, a noção do cuidado de si denota uma crítica ao modo como a cultura ocidental assumiu hegemonicamente o preceito socrático “conhece-te a ti mesmo”, transformando-o no principal fundamento racional da formação humana.

Freitas (2009), articulando espiritualidade, filosofia e educação, sustenta que a formação humana pensada a partir do cuidado de si, se constitui de determinadas técnicas ou exercícios que alterem a visão de mundo de sujeito. Para ele, é na ideia de “transformação de si por si mesmo” (p. 13) que residiria o papel pedagógico do filósofo. Também Frank (2012, p. 9) problematiza a importância de uma educação que contribua para o aperfeiçoamento do cuidado de si, que segundo a autora, é

fundamental para “formação de um cidadão crítico”.

Importante pontuar que a concepção de sujeito crítico não é trazida nos trabalhos analisados sob o mesmo viés dos discursos das pedagogias críticas, que operam pela lógica de que por trás da ideologia há um sujeito a ser desvelado pela educação. Isso pode ser percebido em Silva (2012), a partir do conceito de educação menor, de Gallo. A educação menor iria pressupor um cuidado recíproco construído no singular da relação entre professor e estudante, sempre na perspectiva da criação de novos modos de vida. Assim:

A tarefa do educador seria cuidar dos outros e consequentemente cuidar de sua própria constituição enquanto sujeito da ação pedagógica, indo além dos ditames normativos da educação maior impulsionada pelas políticas governamentais. Essa percepção permitiria repensar a educação como um caminho de formação humana voltada para uma vida não fascista. (SILVA, 2012, p. 8)

Podemos pensar, então, que a noção de cuidado de si pode balizar uma forma de constituir-se numa postura crítica diante da vida, de si, e dos outros, mas sem ceder à lógica do sujeito da educação que precisa ser desalienado através de um outro, que detém um saber ao qual ele não tem acesso.

Também Schuler (2014), ao problematizar a docência no presente a partir do cuidado de si, propõe uma dissolução genealógica da identidade para pensar a formação: romper com a compreensão de que somos constituídos de uma essência, uma interioridade que nos explica. Deslocando-se dessa lógica, a constituição docente tratar-se-ia de “efeitos de subjetivação, uma posição no discurso, lugares que ocupamos e vivemos” (SCHULER, 2014, p. 11). Assim, diante de tantas existências docentes já saturadas de verdades, a autora propõe que mais do que uma formação, talvez o que é possível de ser operado a partir do cuidado de si seria uma *deformação*, um certo esquecimento e esvaziamento desse excesso de verdades massivamente produzidas sobre a docência.

Outra perspectiva primordial para pensar a docência é encontrada numa gama de trabalhos: o *cuidado de si sempre atravessado pela figura do mestre*. Para Bolsoni (2012), quando Foucault conferiu importância às práticas de si no cuidado de si, não se propôs a isso de uma posição individualista, como se difundiram certas interpretações, de que o cuidado de si se configuraria como uma espécie de egoísmo consigo mesmo. Pelo contrário: Foucault percebeu a inserção destas práticas num contexto amplo de relações sociais, pois “as práticas sociais necessitam da presença do outro para se efetivarem [...] ninguém é capaz de cuidar sozinho de si; tal cuidado se fundamenta na troca de cuidados com o outro” (BOLSONI, 2012, p. 6). Também em Frank (2012), o cuidado de si pressupõe a necessidade de um mestre para que se tenha cuidado consigo, para localizar o cuidado de si na multiplicidade das relações sociais.

Nesse cuidado de si remetido ao mestre, há um tipo peculiar de relação, descrita de distintas maneiras para problematizar ora a relação mestre – discípulo, ora a relação professor – aluno. Para Silva (2012), à luz de Pagni, ao mesmo tempo em que no cuidado de si os discípulos buscam praticar os exercícios para receber os acontecimentos da vida, eles respeitam e amam o mestre, ouvindo seus ensinamentos por confiarem nele. Nessa relação, o pensamento brota mediante o estranhamento que mestre e discípulo produzem um no outro, fazendo com que ambos saiam dela transformados.

Rosseto (2016), por sua vez, aponta que no cuidado de si, é função do mestre provocar a inquietude do discípulo. Ao discorrer sobre isso, recorre ao conceito de *stultitia*, também trabalhado por Foucault. *Stultitia* seria “a condição existencial daquele que se encontra em estado de abertura indefinida ao mundo exterior, que nada fixa em si mesmo capaz de lhe dar rumo, de lhe dar a boa direção” (ROSSETO, 2016, p. 11). O estado de *stultitia* seria o momento em que mais o discípulo necessita da presença do mestre, por não encontrar em si próprio capacidade de dirigir sua existência. Ainda, o deslocamento do discípulo do estado de *stultitia* dependeria de uma boa relação com o mestre (ROSSETO, 2016).

Nessa mesma linha, Freitas (2009) menciona a função do mestre no cuidado de si como um princípio de inquietação capaz de perturbar o sujeito e colocá-lo em movimento. Schuler (2014, p. 8), coloca que “a docência tomada pelo cuidado de si exige um estar face a face com o outro e consigo mesmo no processo de diferenciação de si”. Assim, o exercício docente poderia ser visto como a tentativa de equipagem do sujeito para uma certa existência (SCHULER, 2016). E Silva (2015, p. 6), ao propor um diálogo entre Foucault e Ricouer, apresenta a perspectiva de um cuidado de si sempre atravessado por uma experiência de alteridade ético-estética, na possibilidade “da criação e da liberdade de experimentar a vida no exercício, na experiência do cuidado e da prática de si”.

Dois dos trabalhos trabalham com a noção do *cuidado de si na docência a partir de uma prática de parresia*. Para Silva (2012), à luz de Pagni, no cuidado de si o mestre não se furta da parresia, que consistiria em ensinar seus discípulos por meio de um franco falar. Assim, como para os cínicos, a ação pedagógica deve ter base no discurso da parresia, que se expressa numa coerência entre discurso e vida, na coragem de portar-se com verdade e na franqueza com que se coloca na relação com o outro. A atitude de parresia do mestre ou do professor, poderia, então, indicar para os discípulos ou alunos modos de vida em que estes se responsabilizem pelas suas escolhas (SILVA, 2012).

No mesmo sentido, Rosseto (2016) afirma que a intensidade, força de sentido e mobilização da parresia estão no caráter franco daquilo que se diz, como algo que não se limita a um discurso, mas se amplia como uma crítica, tanto ao que ouve quanto a si mesmo. Assim, no cuidado de si, apresenta-se como um “poder capaz de promover ou de inibir comportamentos, julgamentos, modos de vida, formas de relacionamentos consigo e com os outros” (ROSSETO, 2016, p. 9). Se a relação entre mestre e discípulo se dá no âmbito da parresia, ambos podem oferecer e tirar proveito do que os ensinamentos têm de mais primordial para a existência humana, para colocar a própria vida à prova e questionar sua condição enquanto sujeito.

Outra elaboração compartilhada por algumas das publicações analisadas é o *cuidado de si para deslocar o professor do lugar da transmissão*. Para Freitas (2009), o trabalho filosófico pedagógico a ser efetivado sob o cuidado de si não é o de simples transmissão de conhecimentos, mas do reparo e da conversão de hábitos arraigados na alma. Silva (2012), à luz de Dalbosco, argumenta que no cuidado de si o trabalho do educador consiste em amarrar as questões existenciais com as questões do conhecimento, não podendo se inscrever apenas enquanto mero repasse de saberes. Assim, o cuidado de si rompe com os regimes de verdade que situam tradicionalmente o educador como um transmissor de conteúdo, ampliando o sentido de sua ação, compreendendo-o como aquele que “estende a mão, arranca o sujeito de si mesmo, o conduz para fora” (SILVA, 2012, p. 8).

Schuler (2014), ao propor uma dissolução genealógica dos discursos sobre a realidade na docência a partir do cuidado de si, problematiza a noção de que a realidade está dada em algum lugar do mundo exterior, aguardando ser coletada pelo professor e repassada para os alunos. Para ela:

o saber pode ser entendido na luta pela imposição de sentidos, o que exige uma outra postura docente [...] Por isso, conhecer não estaria na ordem da transmissão, assimilação, reconhecimento ou explicação, mas de interpretações infinitas (SCHULER, 2016, p. 10).

Para a autora, tal compreensão possibilita que nos desloquemos do conceito de saber para o de pensar, rompendo com a lógica da transmissão. Também Bolsoni (2012, p. 5) ao problematizar o cuidado de si como uma certa forma de preparação para a vida, adverte que esta não se trataria de uma preparação para uma certa profissão, mas sim para “suportar as privações, infortúnios, desgraças ou perigos que poderiam aproximar-se do sujeito em sua existência”. No mesmo sentido, Rosseto (2016) afirma que uma formação que se coloque sob a ótica do cuidado de si, antes de tratar de profissão, saberes técnicos, ou conhecimentos dogmáticos, tem por cerne colocar em questão as formas de vida, seu sentido e a conduta humana.

A última perspectiva encontrada nas publicações que discutiremos como potente para pensar a docência, diz respeito ao *cuidado de si como um labor*. Bolsoni (2012) aponta que o cuidado de si implicaria um labor que exige tempo para praticá-lo, em um exercício de si mesmo. Por isso, abrangeria um conjunto de procedimentos elaborados de forma muito zelosa, constituindo-se uma prática constante. Também Schuler (2014) aponta que pensar a docência a partir do cuidado de si significa colocar-se a pensar “estratégias, procedimentos, técnicas em que se tome a si mesmo como objeto de problematização, tal como um labor, um exercício de si mesmo, no afastamento daquilo que é impeditivo de vida” (SCHULER, 2014, p. 15).

Para operar o cuidado de si como um labor, Freitas (2009) e Rosseto (2016), tomam o conceito grego de *ascese*. Para o primeiro, a ascese seria um certo modo de constituir um sujeito de ação reta, que consistiria em um processo constante de formação que compreende um conjunto de exercícios: “ler as obras filosóficas, escutar o mestre, fazer anotações em um diário ou escrever cartas, cuja finalidade última consiste em produzir uma modificação na própria alma” (FREITAS, 2009, p. 12). Já Rosseto (2016), vai argumentar que é por meio das práticas ascéticas que o mestre contribuirá para a transfiguração do sujeito, para que este saia da posição de *stultitia*.

A partir das convergências discutidas nas publicações analisadas, podemos realizar algumas considerações. Na última década, o conceito do cuidado de si vem sendo discutido com mais frequência pelos pesquisadores em Filosofia da Educação no país, nos GTs da Filosofia da Educação da Anped e da Anped Sul, dado que seis das sete publicações se concentram neste período. Todos os autores destas, operam com os conceitos do segundo momento do cuidado de si para pensar a educação contemporânea, em sua multiplicidade de questões. Mesmo nas publicações que não têm por objetivo tomar a docência como objeto de estudo, a operação do cuidado de si traz subsídios para problematizá-la. Torna-se inegável sua potência e atualidade para problematizar à docência contemporânea, seja na

discutindo a defesa da figura do professor, as relações professor-aluno ou problematizando o ensino. Endossamos sua força como um ferramental que prima não por respostas dadas, mas pela criação de novas possibilidades de perguntar, na educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cuidado de Si. Mestre. Docência.

## REFERÊNCIAS

BOLSONI, Betania Vicensi. **O CUIDADO DE SI E O CORPO EM MICHEL FOUCAULT: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO CORPORAL NÃO INSTRUMENTALIZADORA.** In: 9ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sul. Seminário de pesquisa em educação da região Sul. Anais. Caxias do Sul/RS, 2012.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. IN: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política.** Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3.ed, 2017. (Ditos e Escritos; V).

FRANK. Franciéli. **A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E SEUS REFLEXOS NO MERCADO DE TRABALHO: APONTAMENTOS SOBRE O CUIDADO DE SI, DE FOUCAULT.** In: 9ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sul. Seminário de pesquisa em educação da região Sul. Anais. Caxias do Sul/RS, 2012.

FREITAS, Alexandre Simão de. **O 'CUIDADO DE SI' COMO ARTICULADOR DE UMA NOVA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: UMA AGENDA DE PESQUISA FOUCAULTIANA.** In: 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Anais. Caxambu/MG, 2009.

ROSSETTO, Miguel da Silva. **DA INSUFICIÊNCIA DO MESTRE DA MEMÓRIA À MESTRIA DO CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT: PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO HUMANA.** In: 11ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sul. Anais. Curitiba/PR.

SCHULER, Betina. **O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA NO PRESENTE: POSSIBILIDADES VIA AS DISSOLUÇÕES GENEALÓGICAS.** In: 10ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Sul. Anais. Florianópolis/SC, 2014.

SILVA, Adriana Maria da. **O CUIDADO DE SI E A ALTERIDADE: SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA FORMAÇÃO ÉTICO-ESTÉTICA.** In: 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Anais. Florianópolis/SC, 2012.

SILVA, Nyrluce Marília Alves da. **A REATIVAÇÃO DA NOÇÃO DE CUIDADO DE SI E A IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA: UMA RECEPÇÃO TARDIA DE FOUCAULT?** In: 35ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Anais. Porto de Galinhas/PE, 2012.